

E[et]NOMATEMÁTICA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: MODOS DE VIDA CRIADOS E AFIRMADOS POR INDÍGENAS QUE SE FORMARAM EM CURSOS DE ENSINO SUPERIOR E RETORNARAM À SUA COMUNIDADE NO BRASIL

Jorge Isidro Orjuela Bernal¹

GDn°16 – Etnomatemática

Resumo: Este projeto de pesquisa busca perseguir pistas na produção de subjetividades de indígenas que se formaram no Ensino Superior e que retornaram para suas comunidades de origem. Tal produção implica abrir-se a vivenciar modos outros de ser sujeitos, entendendo que estes devêm no interior de campos de forças que se relacionam, e possibilitam a emergência de existências singulares de vida que subvertem aquelas submetidas a ordens sociais preestabelecidas. Neste caso, nos perguntamos, por um lado, pelas afirmações de vida que são produzidas por esses indígenas após o retorno às suas comunidades depois de terem se formado no Ensino Superior, voltaram a seus lugares de origem e, por outro, indagamos como a Educação Matemática e a Etnomatemática podem operar com esses modos produzidos em seus modos de teorizar sobre as relações entre matemática e cultura. Para isso focamos uma comunidade indígena Guarani Kaiowá no município de Coronel de Sapucaia no Mato Grosso do Sul, o segundo estado brasileiro com maior presença de população indígena e um dos quais tem apresentado, nos últimos anos, um crescimento constante de estudantes indígenas que ingressam ao Ensino Superior. A produção e a análises de dados, que, segundo nosso referencial, se mostra como uma composição na pesquisa, será feita junto à Filosofia da Diferença, à Educação Matemática e à Etnomatemática, propondo-nos a cartografar e experienciar os acontecimentos e as transformações que se compõem junto às produções de mundo que são geradas na e pela comunidade referida.

Palavras-chave: Indígenas. Ensino Superior. Produção de subjetividades. Filosofia da Diferença.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Sabemos que o acesso de indígenas ao Ensino Superior (ES) no Brasil é recente. Há somente pouco mais de trinta anos que esta demanda se tornou oficial por meio da Lei nº 9.394, de 20/12/1996, atual Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, reforçada pela Lei nº 12.711, de 29/09/2012, popularmente conhecida como Lei de Cotas.

Adicionalmente, de acordo com os dados do último da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o total de estudantes matriculados no ano 2016, nas instituições de ES públicas e privadas do Brasil,

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Rio Claro; Programa de Pós-graduação em Educação Matemática; Doutorado em Educação Matemática; jorge.orjuela@unesp.br; orientador(a): Roger Miarka.

foi de 8.052.254 pessoas. Destas, apenas 49.026 são indígenas, o que perfaz apenas 0,6% do total de matriculados.

O panorama exposto permite entrever a desigualdade afrontada pelos indígenas no Brasil, pelos menos em relação ao seu ingresso à universidade. Contudo, no que se refere à sua permanência no Ensino Superior, se faz necessário perguntarmos, por exemplo, quantos desses alunos indígenas concluem os cursos ou programas em que se matriculam. E mais ainda, o que eles fazem após concluir sua formação? Quantos deles retornam a suas comunidades? Qual é a transformação que acontece nas comunidades quando esses indígenas retornam?

No entanto, a presente pesquisa vai além destes inquéritos visando compreender o que acontece com os indígenas que se formaram no Ensino Superior e retornaram a suas comunidades, pelo que alguns outros questionamentos têm surgido, como por exemplo:

- Como evidenciar os alcances do Ensino Superior em sujeitos indígenas que se formam academicamente bem como os possíveis impactos nas suas comunidades?
- Que possibilidades de criação são geradas nos movimentos de vida de sujeitos indígenas que se formam no Ensino Superior e voltam a suas comunidades?
- Como a Educação Matemática e a Etnomatemática podem operar com os modos de vida produzidos por sujeitos indígenas que se formaram no Ensino Superior e retornaram a suas comunidades?

Assim, este projeto trata, por um lado, de dizer junto a sujeitos indígenas e seus modos de ver, pensar e estar no mundo, ao deslocarem-se entre territórios², especificamente o acadêmico durante sua formação no Ensino Superior e o retorno às suas comunidades. E de modo complementar, questiona espaços institucionalizados, em especial junto ao Ensino Superior, como espaço e ser invadido e questionado; à Educação Matemática, provocando-

² O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos." (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323) Alguns destes territórios são tomados aqui, às vezes como cenários institucionalizados –que demarcarei com inicial maiúscula, como a Educação Matemática, a Etnomatemática e a Educação Indígena– e às vezes como movimentos possíveis que reafirmam vidas –que demarcarei com inicial minúscula, por vezes pluralizado, como educações matemáticas, etnomatemáticas e educações indígenas–.

a, tanto como área de conhecimento quanto como vazamentos de produções de vida; e à Etnomatemática, ao tomar a possibilidade de outras etnomatemáticas, que não se atenham somente a *estudos espaciais temporalmente diferenciados das várias maneiras, técnicas ou habilidades de explicar lidar e conviver em diferentes contextos culturais ou socioeconômicos*³, mas também *como possibilidades de criação que se geram nos movimentos de vida*⁴.

Em suma, buscarei possibilidades de experimentar e compor junto à E(e)ducação M(m)atemática, à E(e)tnomatemática e ao E(e)nsino S(s)uperior, tomados junto a identidades e singularidades de sujeitos indígenas e suas comunidades, cuja busca pode ser conformada na seguinte pergunta de pesquisa:

Que modos de vida afirmam indígenas que se formaram no Ensino Superior e retornaram a suas comunidades de origem e como estes modos operam com identidades e singularidades dos próprios sujeitos nestas comunidades?

Uma primeira Revisão de Literatura sobre o tema

Antes de definir os objetivos da pesquisa, buscamos por pesquisas que propõem diálogos com alguns dos elementos aqui invocados, especialmente aqueles relativos à produção de subjetividades, estudantes indígenas, a Educação Básica e Superior e as comunidades indígenas. Nessa busca, encontramos os seguintes trabalhos no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações usando combinações das palavras-chave "subjetividades", "indígenas", "indígenas no Ensino Superior", "modos de ser no mundo" e "indígenas formados no Ensino Superior".

- Rocha (2013) analisa as implicações da educação a básica e superior no processo de subjetivação de seis estudantes indígenas –alguns em processo de formação e outros já formados- da Universidade Federal do Paraná, discutindo as narrativas sobre os impactos das trajetórias educacionais desses estudantes no confronto entre as suas próprias expectativas, as dos seus familiares, de seus povos e da própria universidade.

³ Conceção d'ambrosiana de Etnomatemática aqui diferenciada com E maiúscula (D'Ambrosio, 2016, p. 134)

⁴ Conceção de uma etnomatemática, com minúscula (Orjuela-Bernal. 2018 p. 43).

- Alves (2010) foca no encontro entre indígenas que atuam como professores e o Ensino Superior. Ocupa-se dos discursos do Estado a partir do currículo universitário, de leis e decretos, e sua repercussão, assumindo as práticas discursivas como possibilidades de produção de subjetividades, na constituição do que é um professor indígena de ciências na aldeia Nhamundá-Mapuera da etnia WaiWai, do Município de Oriximiná, do Pará.
- Haibara (2016) centra seu trabalho nos modos pelos quais circulam e se transformam pessoas e saberes indígenas no interior de um mesmo povo, neste caso os Kaxinawá. Neste sentido busca pelas narrativas, cantos e práticas rituais de sabedores, lideranças indígenas e pesquisadores indígenas com trajetória acadêmica e os modos pelos quais estes promovem a circulação de saberes que se entrelaçam a diferentes elementos de caráter mais imaterial e que não tem a ver precisamente com a escola ou com o sistema de trabalho.

De modo geral, as pesquisas citadas, ainda que permitam diálogos com alguns dos meus questionamentos, não colocam em jogo os modos pelos quais estudantes indígenas formados academicamente no Ensino Superior operam junto a suas comunidades depois de seu retorno, nem levam em consideração discussões desde e entorno a E(e)tnomatemática e a E(e)ducação M(m)atemática, o que justifica o ineditismo do tema que propomos.

Nesse espaço ainda não pesquisado, esta proposta se entrega à possibilidade de cartografar processos de subjetivação em torno das posições políticas e de singularidades na forma em que, junto a sua comunidade, indígenas que se formaram no Ensino Superior habitam sua própria comunidade.

Com isso, anunciamos o **objetivo geral** da pesquisa, focando-o na própria comunidade estudada:

- Acompanhar, vivenciar e cartografar as produções de mundo que são geradas por indígenas junto a sua comunidade a partir dos modos em que a habitam após terem se formado no Ensino Superior e terem retornado à própria comunidade.

Este objetivo geral se abre, por sua vez, ao seguinte objetivo específico, que se refere a conhecimentos modulados na academia.

- A partir dos elementos produzidos junto ao objetivo geral, problematizar a Educação Matemática e a Etnomatemática, de maneira a vislumbrar possibilidades de educações matemáticas e etnomatemáticas outras.

METODOLOGIA DE PESQUISA, PRODUÇÃO E ANÁLISE/COMPOSIÇÃO DE DADOS

Este projeto de pesquisa busca pela produção de modos de vida de grupos humanos em espaços determinados, o que, por sua vez, implica aberturas com respeito aos modos de ser que fogem de um determinismo estático e subvertem os discursos hegemônicos, ou seja, possibilidades para que subjetividades sejam produzidas e inaugurem a existência de outros mundos.

Além disso, assume-se em uma perspectiva da Filosofia da Diferença, ao tratar-se de uma pesquisa que se lança a experienciar práticas cotidianas e profissionais, interações, diálogos e relações, hábitos, saberes e fazeres, relatos e histórias de vida - do dia a dia, de devires. Trata-se de uma pesquisa que busca operar com *multiplicidades, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos, corpos sem órgãos e planos de consistência* que se fazem presença, se ligam, se conectam e se rompem por meio da cartografia, permitindo (re)criar outras formas de existir e de operar com o espaço-tempo. (DELEUZE; GUATTARI, 2014a, p. 19)

Metodologicamente, esta pesquisa operará junto à cartografia, como desenvolvida por Kastrup (2009), a qual se faz junto a movimentos incessantes que não procuram estabelecer um caminho linear para atingir um fim. Nesta perspectiva, o que importa não é representar, visualizar ou capturar significados ou objetos, mas o que emerge entre os movimentos que se gestam durante o processo de pesquisa na qual perseguem-se produções de subjetividades, de devires e onde convergem diversos elementos na criação de mundos.

O método cartográfico aqui assumido e o trabalho do cartógrafo buscarão por aberturas para campos de forças que se relacionam e criam modos singulares de vida. Em outras palavras, abre-se em uma atitude de disposição para vibrar junto a corpos e existências que se afirmam na diferença; assume aventurar-se e entregar-se a afetos e desejos que se configuram na potência no devir e na potência do acontecimento.

Com a cartografia vislumbra-se a possibilidade de procurar posições políticas operantes por parte dos sujeitos indígenas e suas comunidades de modo flexível, permitindo a existência de uma produção conjunta envolvendo processos discursivos, experiências, pensamentos, símbolos, corpos, sinais, territórios, imagens etc. Processo que, por sua vez, permitem narrativas, descrições e outras reflexões sobre os movimentos dos modos em que a vida é afirmada.

Conformados pergunta de pesquisa, seus objetivos e um modo de proceder, procuramos por aberturas que nos permitissem prosseguir com a pesquisa. Em especial, buscamos por uma comunidade que possuísse integrantes que a ela haviam retornado depois de formados no Ensino Superior. Nesse percurso, conseguimos contato com um indígena da etnia Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul, o segundo estado brasileiro com maior população indígena. Esta pessoa aceitou participar da pesquisa e se disponibilizou a ajudar a gerar outras aberturas na mesma comunidade que permitam produzir os dados do atual projeto. De modo particular, este indígena retornou a sua aldeia Taquaperi, a qual conta com uma população superior aos 4000 indígenas numa área de mais de 2000 hectares no município de Coronel de Sapucaia, depois de ter desenvolvido estudos de graduação na Licenciatura em Ciências da Natureza na Universidade Federal da Grande Dourados e de Pós-graduação em Educação na Universidade Católica Don Bosco.

Para a produção dos dados da pesquisa, ficarei⁵, no ano 2019, durante cinco meses junto a essa comunidade indígena Guarani Kaiowá localizada na aldeia Taquaperi no município de Coronel de Sapucaia em Mato Grosso do Sul, acompanhado do membro da comunidade que aceitou participar da pesquisa, já mencionado anteriormente, e que atualmente trabalha como diretor da Escola Municipal Indígena Mbo`eroy Arandu (que significa “Ensinar com Inteligência”).

Nesse período de tempo proponho-me habitar a aldeia Taquaperi, especialmente os espaços que ocupam membros da comunidade que saíram para estudar no Ensino Superior e retornaram após terem se formado. Neste sentido procurarei acompanhar, experienciar e cartografar as atividades culturais da comunidade e os movimentos de vida que, realizados por integrantes da comunidade formados no Ensino Superior que cumprem papéis dentro da aldeia em espaços específicos, como a escola, a organização e ou governo indígena, o centro de saúde etc., e em outros espaços como o de descanso e caça, em suma, em espaços de produções de vida.

Do mesmo modo visto estabelecer conversações, entrevistas e encontros com a população em geral da comunidade procurando experienciar as forças produtivas e vitais que contornam e dão forma às realidades operadas pelos membros da comunidade.

⁵ A 1ª pessoa do singular retorna aqui para denotar uma questão física de permanência do pesquisador em meio à experiência da pesquisa, longe de seu orientador e grupo de pesquisa.

Nesta imersão na aldeia, utilizarei como formas de registro um diário de campo para realizar anotações, um gravador para realizar entrevistas e uma câmera para gravar cenas e fazer fotografias quando me for permitido. Espero, com esses registros, compor junto às realidades da comunidade de modo que me seja possível cartografar os processos de subjetivação operantes na forma em que indígenas formados no Ensino Superior habitam sua própria comunidade.

Ora, como parte de tudo esse processo de produção de dados é importante sinalizar que focarei nos acontecimentos que se podam constituir como devires em direção a modos outros de ser sujeito na comunidade, ou seja, em eventualidades que possibilitem a emergência de novas maneiras de *olhar* para essas formas de ser e habitar a aldeia por parte tanto de quem se formou no Ensino Superior e retornou para aldeia quanto dos demais sujeitos da comunidade.

Neste compromisso com o acontecimento cabe anotar que, mais do que enfocar ações macro políticas, me atentarei pelo espaço do micro. Que dizer, nas ações micropolíticas entendidas como ocorrências promotoras de potências na configuração de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa, como forças criadoras que derivam na afirmação da diferença, das singularidades e das multiplicidades que constituem realidades outras.

Desse modo, lembrando que a subjetivação *é a produção de modos de existência o de estilos de vida* que não se centram necessariamente no sujeito, mas que *se trata antes de um campo elétrico ou magnético, uma individuação operando por intensidades (tanto baixas como altas), campos individuados e não pessoas ou identidades*, o que interessa é experienciar e captar a intensidade com que se passam os acontecimentos. (DELEUZE, 2008, p.142 - p.116)

No que se refere à fase de análise dos dados, optarei, de acordo com o método cartográfico, pelo uso de composições, que digam da própria produção de subjetividades e, nas quais se tem um distanciamento frente à ideia de representar uma realidade, pois seguindo a Deleuze e Guattari, não se trata de focar na organização e muito menos na diferenciação do que acontece mas *sem do movimento e do repouso, a velocidade e a lentidão... para operar uma passagem, um devir ou um salto sobre um mesmo plano de imanência pura... que não está exceto de fracassos, neblinas, ou vazios, avanços e atrasos*. (DELEUZE; GUATTARI, 2014b, p. 42-43).

Assim, busca-se produzir uma composição junto à realidade que se mostra a partir dos movimentos produzidos junto ao grupo, mediado por movimentos no referencial teórico da Filosofia da Diferença em busca de modos para criar, junto aos registros feitos em campo, espaços outros e formas de existência outras que escapem da tentativa de reproduções da comunidade ou dos sujeitos, abrindo possibilidades para olhar para suas individuações e singularidades.

Por outro lado, esperamos que, ao tomar essas composições junto aos quadros teóricos da Etnomatemática e da Educação Matemática, outras possibilidades teóricas possam ser vislumbradas, especialmente aquelas que assumam a potência da invenção de modos de vida em meio a grupos culturais.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **A construção discursiva do professor indígena de ciências:** uma análise dos discursos oficial e indígena da etnia WaiWai sobre o ser professor índio. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Belém, 2010.

D`AMBROSIO, U. (2016). **Educação para uma sociedade em transição.** 3. Edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Livraria da Física.

DELEUZE, G. **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** v. 4. Tradução de Suely Ronilk. São Paulo: Editora 34, 2014b.

GUATTARI, F.; RONILK, S. **Micropolítica. Cartografia do desejo.** 4. Edição. Vozes. Petrópolis 1996.

HAIBARA, A. **Já me transformei:** modos de circulação e transformação de pessoas e saberes entre os Huni Kuin (Kaxinawá). 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Letras Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Superior 2016.** Brasília, DF: Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>>. Acesso em: 20 out. 2018

KASTRUP, V. **O Funcionamento Da Atenção No Trabalho Do Cartografo.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32 – 51.

ORJUELA-BERNAL, J. **Indígenas, Cosmovisão e Ensino Superior [algumas] tensões.** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2018.

ROCHA, F. **A educação escolar no processo de subjetivação de universitários indígenas da UFPR.** 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.